

Exmo.(a) Sr.(a)
Presidente Património Cultural, I.P.
Dr. João Soalheiro
Casa Allen, Rua António Cardoso N° 175
4150-081 PORTO

Sua referência

Sua comunicação

Nossa referência

OF_PRES_SSS_4599/2025

Assunto|Subject Proposta de abertura do procedimento de classificação da igreja de São Miguel de Borba de Gondim, união das freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Gondim, concelho de Felgueiras, distrito do Porto

Senhor Presidente,

Tenho o gosto de remeter a V. Exa. proposta e processo de abertura de procedimento de classificação da igreja de São Miguel de Borba de Gondim, na sequência do requerimento da Câmara Municipal de Felgueiras.

Com os meus cordiais cumprimentos, *Atenciosamente,*

O Vice-Presidente para a Cultura, Património e Cooperação da CCDR NORTE, IP

Jorge M. M. Sobrado
VICE PRESIDENTE DA CCDR NORTE, IP.

Jorge Sobrado

JORGE SOBRADO

Proporho a abertura do procedimento de classificação, nos termos da informação. A consideração superior. David F. DUC 20/2/2025

visto, concluso. Proporho a Petição Cultural, I.P., a abertura do procedimento de classificação.

João L. L.

VICE-PRESIDENTE DA CCDR NORTE, I.P.

20.02.25

Informação n.º INF_UC_EAR_3212/2025

Proc. n.º

CLS/2685

Data 17.02.2025

CS 1747078 (ULISSES)

Assunto: Proposta de abertura do procedimento de classificação da Igreja de São Miguel de Borba de Godim, união das freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Godim, concelho de Felgueiras, distrito do Porto¹.

O impulso para a classificação da Igreja de São Miguel de Borba de Godim procede da Câmara Municipal de Felgueiras. Presente o requerimento inicial, bem preenchido, diligenciou-se uma visita, a fim de permitir concretizar, in loco, a situação do monumento.

Do requerimento da CM Felgueiras:

«Igreja velha de S. Miguel de Borba de Godim aparece referenciada pela primeira vez no século XII, em 1136, numa sentença de D. Afonso Henriques a legitimar os seus patronos, os descendentes de D. Analso. Nas inquirições gerais de 1258 e 1290 o padroado da mesma igreja é confirmado aos filhos e netos de D. Garcia Saz e Pedro Mendes de Vilar. No século XV o padroado passa para Fernão Vasques da Cunha, alcaide de Celorico de Basto, que executou uma penhora a João de Burgos, senhor da Quinta de Borba e patrono da igreja. No reinado de D. Manuel I esta igreja passa para a ser comenda da Ordem de Cristo, a partir de 1517, com a concordância do Papa Leão X e arcebispo de Braga.

¹ Vila Cova da Lixa e Borba de Godim (oficialmente: União das Freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Godim) é uma freguesia portuguesa do município de Felgueiras, com 13,46 km² de área e 6081 habitantes (censo de 2021).

Edifício em estilo românico tardio, possivelmente datável do terceiro quartel do século XIII, que durante a administração da Ordem de Cristo terá sido profundamente remodelada e ampliada no século XVII.

No século XVIII foi-lhe acrescentada a sacristia, a capela de Nossa Senhora da Soledade e a torre sineira de 1790, para além da ornamentação interior.

O boticário da Lixa, Manuel Dias Pereira, morador na Rua da Lixa, rematou o contrato em 1766 para se fazer uma sacristia e renovar o teto da igreja.

Um ano depois, em 1767, Diogo Teixeira Machado faz uma petição ao Arcebispo de Braga para lhe autorizar fazer uma sepultura dentro da igreja que se destinava a sepultar os da Casa do Outeirinho.

Espaço sepulcral em forma de pequeno templo, designado por Capela de Nossa Senhora da Soledade, foi adossado a nave do lado Norte com entrada pelo interior da igreja.

A torre será obra de finais do século XVIII, segundo Eduardo de Freitas terá sido começada a construir em 1786 e finalizada em 1790, como ostenta a inscrição do lintel de entrada.

No século XIX, foram sepultados, entre a torre e a Capela de Nossa Senhora de Soledade, dezassete soldados que tinham sido mortos na batalha travada entre tropas de D. Pedro e D. Miguel em abril de 1834, tendo os corpos sido "recolhidos desde a Franqueira (capela que existia na Rua da Lixa) até ao chão da Sr.ª Aparecida (Capela Nossa Senhora das Vitórias)".

O templo de planta retangular longitudinal, com o portal axial orientado canonicamente, é composto por nave e capela-mor escalonadas, sacristia e Capela de Nossa Senhora de Soledade adossada ao paramento Norte da nave e capela-mor, o qual ainda ostenta várias marcas das suas sucessivas remodelações e ampliações.

As evidencias da igreja medieval cingem-se as aduelas do portal simples em arco de volta perfeita, frestas e a cachorrada lisa, muito conotada com o românico tardio.

O corpo da nave aparenta ser o elemento mais antigo do edificado atual, de onde destacamos os dois portais, o axial e o lateral Sul, compostos por duas arcaturas de volta perfeita assentes diretamente sobre o pé direito parede. O portal axial apresenta um toro diédrico muito ténue em cada uma das arcaturas que é coroado por dois sulcos incisos que concluem o seu programa decorativo. As aduelas do portal axial parecem possuir siglas de canteiro bastante desgastadas. O portal lateral Sul sugere-nos ser uma obra posterior, contudo pensamos possuir filiação medieval. Ambos os portais estão desprovidos de tímpano, talvez um desses tímpanos, possivelmente o do portal Sul, seja aquele que está reaproveitado na Casa de Bouça Chã, coroando o portal carral, e que apresenta uma cenografia presente no românico da região, um Agnus Dei em relevo erguendo ao alto uma cruz pátea.

As quatro frestas, duas no paramento Norte e duas no paramento Sul, presentes na nave também poderão constituir um importante indicador da medievallidade da nave. A cachorrada simples e desprovida de decoração onde assenta o friso de apoio do telhado, e que coroa os alçados laterais da nave. Abaixo das frestas laterais de ambos os lados da nave, uma série de mísulas, quatro do lado Sul e uma do lado Norte, indiciam que o templo teria construções laterais, talvez constituam o suporte de telhados laterais.

Talvez coevo aos primórdios do templo medieval, o sarcófago antropomórfico, encostado a parede Sul da capela-mor e em posição secundária, demonstra similitudes com os arcazes típicos do século XIII/XIV, constituindo-se como um sarcófago monolítico tendencialmente retangular com antropomorfismo na parte superior onde estão insculpidos o leito da cabeça e ombros. Os séculos subsequentes promoveram várias obras de remodelação e ampliação que moldaram o edificado na morfologia que hoje visualizamos. O frontispício é profundamente alterado com a inclusão de um janelão em arco abatido e gradeado. A ladear o portal axial, duas pequenas pias insculpidas nas paredes laterais também nos sugerem obra posterior. A fachada é coroada por frontão triangular recortado em semicírculo nas extremidades que se desenvolvem até ao friso, onde assentam os pináculos. Os arranjos das laterais da fachada serão de finais do século XVIII, e coevas a construção da torre sineira, sendo evidente a inclusão do embasamento no extremo Sul e Norte da fachada que quer replicar o embasamento do cunhal apilastrado da torre sineira. Na parede lateral Sul possui escadaria paralela ao alçado, com corrimão em ferro, que dá acesso ao coro alto através de uma porta de verga reta. Ao nível da porta, duas grandes janelas de verga reta e em capialço constituem as principais entradas de luz através do paramento Sul. Esta fenestração de grandes janelas também se repete no alçado Norte, apesar de estarem mais dissimuladas com a construção da sacristia, Capela de Nossa Senhora da Soledade e torre sineira, são ainda visíveis duas janelas perfeitamente alinhadas com as janelas do lado Sul.

A capela-mor, possui vários indícios de ser obra posterior, com frisos emoldurados, distintos dos da nave, silhares reaproveitados com cruz de malta e alçado posterior com cruz de malta sobre a empena. No paramento Sul possui duas janelas idênticas às da nave, mas de dimensões menores, sendo que do lado Norte não aparenta possuir aberturas na capela-mor.

A sacristia construída no século XVIII, adossada ao paramento Norte da capela-mor, possui planta retangular com pilastras nos cunhais. A entrada está voltada a nascente, configurando-se como uma porta de verga reta, ladeada por uma janela retangular em capialço. O friso de apoio do telhado já demonstra uma morfologia clássica côncava.

A ligação a capela-mor faz-se por um vão retangular e no seu interior vemos ainda o arcaz setecentista com os seus gavetões e ferragens da época.

No início da nave, do lado Norte, foi construída a capela de Nossa Senhora da Soledade na segunda metade do século XVIII, com cunhais apilastrados e cornija emoldurada possui dois pináculos e cruz latina a coroar a empena. A única abertura que possui é um vão de janela de verga reta na lateral Oeste.

O acesso a capela é pelo interior da nave, estando mesma marcada por um arco de volta perfeita apoiado em duas pilastras de capiteis toscanos. Na parede Norte ostenta a seguinte inscrição: ESTA CAP[el]ª FES DI / OGO TEIXEIRª MACHA / DO NELA TEM S[epultur]ª P[ar]ª A CAZA DO OU / TEIRINHO 1768, denunciando a sua filiação familiar. O pavimento é revestido com lajes de granito, cobertura em abóbada de berço em madeira e as paredes forradas a azulejos azuis e brancos, estes últimos colocados no século

passado. O altar de talha branca e dourada de sabor rocaille alberga a imagem da padroeira. No interior, sobressaem os painéis de azulejos do século XVIII que revestem as paredes e o teto apainelado com pintura a óleo. Tem boa talha na tribuna, do mestre ensamblador João Correia que o realizou em 1742 sob encomenda da confraria Santíssimo Sacramento, e boa talha nos altares laterais de Nossa Senhora do Rosário e S. Sebastião, no púlpito e arco cruzeiro. Da segunda metade do século XVIII o teto em caixotões, cinquenta e cinco organizados em séries de cinco, estão pintados com motivos rocaille, elementos concheados e enrolados com grinaldas de pequenas flores.

No enfiamento da fachada, a Norte, a torre sineira de grande envergadura é dividida por frisos côncavos salientes ao longo dos alçados, que replicam o friso do frontão triangular da fachada, dividindo-a em dois tramos verticais, terminando com campanário de quatro ventanas de arco aperaltado, coroado por pináculos e coruchéu bulboso. A entrada de verga reta é voltada a Oeste, onde ostenta a data de 1790 numa cartela delimitada por sulcos incisos. No segundo tramo da fachada voltada a Oeste possui um relógio de sol.»

Indiscutivelmente, a Igreja de São Miguel de Borba de Godim, incorpora valores de memória e antiguidade, com expressão nos domínios histórico, arqueológico, arquitetónico, artístico e social. A sua biografia, multissecular, é portadora de significado cultural que aponta para o território. Convocamos, a este respeito, o trabalho seminal de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *A Paróquia e o Seu Território* (1986):

«Antropologicamente, o território, na sua utilização e representações, é um tema extraordinariamente rico porque está ele presente, de multiplicadas maneiras, em todas as estruturas do quotidiano e do sazonal, tanto na vida particular como na pública. Faz parte delas. Sem onde ou enquadramento não há tempos, nem individual nem coletivo, privado ou público [...] Identificamo-nos por um local de nascimento e os nossos nomes pessoais provêm na sua maioria deste fenómeno classificativo. Como correntes antropológicas acentuam, viver é pertencer a um grupo o qual, necessariamente, tem os seus lugares e/ou itinerários. [...] Mais que a poética e a semiótica do tempo, são poderosas as do espaço. O onde alimenta todas as raízes do nosso viver, do nosso sentir e da nossa imaginação. [...] A paróquia medieval, no Noroeste de Portugal, é um fenómeno que se estrutura, essencialmente, nos séculos XII-XIII [...] Ela é o resultado de uma organização-funcionante, vicinal e dos senhorios, centrada numa igreja, que assegurava a proteção de Deus e dos santos para os vivos e para os mortos [...] de uma maneira geral delimitam-se pelos cumes das elevações que a cercam, por velhos caminhos ou grandes rios. A sua área não é grande. [...] A partir do século XIII, paróquia e freguesia passam a ser sinónimos [...] Assim a freguesia se tornou naquilo que ela, ainda hoje, radicalmente é, nos meios tradicionais: uma comunidade de vivos e de mortes sob a égide de um campanário. [...] Formada em volta da igreja, de que é um resultado, a comunidade paroquial recebeu expressivas designações, como freguesia, paróquia ou sub-sino [...] O nome do patrono era fortíssimo, por aí ter as suas relíquias [...] É pelas festas patronais que as paróquias mais frequentemente rivalizam entre si, festas que consagram todo o seu território e lhes dão prestígio. [...] A igreja não só abriga e protege os mortos, assegurando-lhes o além, mas também beneficia os vivos e é garantia da proteção de Deus para os frutos da terra e exorcismo dos males. Dela saíam as procissões, com relíquias e ladainhas, a abençoar os campos e a excomungar as pragas das sementeiras [...] Mas para além duma comunidade de vivos, a freguesia [...], é também uma comunidade de mortos, a dos antepassados dos moradores. [...] Para além desta espécie de sacralização do território paroquial que, por partir da igreja, é centrífuga e, mais ou menos, radial, há um outro género carregado de aspetos mágicos e que constava essencialmente em cristianizar e apotropaizar, por meio de cruzes, de capelas e de outros sinais amuletifórmes, os lugares donde viessem as más influências e os sítios altos que dominavam a povoação. Outra modalidade, era fazer procissões em redor da freguesia – os cercos com clamores – vedando-a, magicamente, à entrada de seres causadores de males, e expulsando-os pra além dos limites da paróquia. Tempestades, ventos e geadas, azares de colheitas e até pestes ou mortes de jovens, eram, na Idade Média e Época Moderna, males atribuídos a bruxas e ao diabo. Assim, mais que para cristianizar, ou até sacralizar, as cruzes e outros sinais amuléticos, gravados em penedos

*em redor da povoação, destinavam-se a proteger e a exorcizar o território dos entes mafélicos.
[...]*»

O potencial de projeção do profundo significado cultural da Igreja de São Miguel, paroquial de Borba de Godim reside, presentemente, mais no domínio do estabelecimento de rede com outras igrejas paroquiais radicadas nos séculos XII / XIII, do que da sociabilidade patente nos "conterrâneos, vizinhos ou fiéis". De salientar que projeto Rota do Românico vem dando suporte e concretização à dimensão cultural da rede de património religioso de origem medieval.

Em face do exposto, colocamos à Consideração Superior a abertura do processo de classificação da Igreja de São Miguel de Borba de Godim.

O Técnico Superior

[Assinatura]
Assento: Proc.º CLS / 2685



